

I Congreso Latinoamericano de Teoría Social. Instituto de Investigaciones Gino Germani. Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2015.

Pierre Bourdieu e a dinâmica diferencial dos campos.

Miraldi, Juliana.

Cita:

Miraldi, Juliana (2015). *Pierre Bourdieu e a dinâmica diferencial dos campos. I Congreso Latinoamericano de Teoría Social. Instituto de Investigaciones Gino Germani. Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-079/28>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

Pierre Bourdieu e a dinâmica diferencial dos campos

Juliana Closes Miraldi

Resumo

Em *Razões Práticas* Bourdieu afirma que o processo de diferenciação do desenvolvimento capitalista, faz com que o *espaço social* divida-se em campos relativamente autônomos, portadores de leis próprias que especificam as disputas internas entre agentes envolvidos num determinado campo em relação as disputas travadas noutros campos. Se Bourdieu logra construir claramente a lógica interna dos campos, o mesmo não pode ser dito a respeito da lógica que rege os campos entre eles, afinal, os campos são definidos como relativamente autônomos, de modo que salta aos olhos a pergunta: relativos a que? Contrariando parte dos críticos de Bourdieu que enfatizam o papel da economia econômica como o elemento que coage a lógica interna dos campos, a leitura estrutural das obras bourdieusianas demonstra que mesmo que o autor afirme o peso relativo do capital e do campo econômico, estes só exercem sua força num contexto determinado, numa rede complexa de relações. Apresentaremos, assim, três modos de determinação constituintes da lógica diferencial dos campos: a causalidade transitiva, i.e., os campos causam-se mutuamente; a causalidade imanente, dada pela luta de classes e refratada pelo grau de autonomia dos campos em lutas específicas; e as práticas de Estado que interferem diretamente na lógica dos campos.

Introdução: uma teoria da leitura bourdieusiana

Ler Bourdieu no século XXI é, primeiramente, atender às exigências da conjuntura que se impõe numa imersão inescapável donde se lê, se escreve e se pensa; é, com isso, indagar-se sobre e pelas determinações que atravessam cada prática no campo intelectual, seu atual estado das coisas, seu *savoir-faire* e a singular historicidade de quem as pratica. É, em outras palavras, encerrar-se na atualidade das disputas de poder e de universalização do que vem a ser uma leitura ou exegese legítima da obra e dos problemas fundamentais que nos trazem os escritos de Bourdieu. Trabalhar com ele hoje é, sobretudo, trabalhar através dele: dar vida aos seus conceitos e pô-los em movimento – *take praxeology seriously*. O que quer dizer ler Bourdieu através de Bourdieu senão experienciar as incertezas, as contradições, as aporias e as problemáticas que seus escritos nos trazem, entretanto, hoje. Num momento póstumo em que herdeiros disputam os problemas dos problemas, os desvios possíveis de seus conceitos e as filiações e ressonâncias que sua obra promove ao encontro de outros autores de sua formação e de sua contemporaneidade. Por-se a refletir e escrever sobre Bourdieu é tomar tudo isso como efeito que se exerce sobre a maneira mesma de investigar seus problemas, ou melhor, de percebê-los e, assim, de trazê-los à tona dando-lhes novos contornos.

É nesse sentido que sua preocupação também fora a elaboração de uma teoria da leitura. Ainda que não sistematizada, é certo que o arcabouço teórico disposto em suas obras permitem muito bem que elaboremos uma teoria da leitura estritamente vinculada, senão absolutamente necessária, ao fazer sociológico, de modo que ela coloque em perspectiva as próprias condições

sociais da produção e da reprodução de enunciados, que tenha o alcance de precisar *donde se fala* e que tenha o alcance de rastrear as funções do discurso em seus usos sociais, em que as metáforas, os eufemismos, as metonímias etc. são eloquentes o suficiente para que se possa determinar a posição de locutor. A tríade conceitual basilar de Bourdieu – campo, *habitus* e prática – é também todo um esforço para denunciar o mecanismo de produção do discurso específico de cada posicionamento dos indivíduos. Mesmo a ciência os agentes sociais a produzem não arbitrariamente, tampouco a produzem de acordo com sua liberdade e vontade individual ou a produzem como um reflexo límpido da realidade objetiva. Todo o conhecimento científico – inclusive esta apresentação – é sempre o efeito das múltiplas relações, mais precisamente, é o efeito da relação entre o estado atual do campo no qual ele é produzido e da posição que o agente ocupa neste campo em acordo com sua trajetória individual. É o conjunto de possíveis que se dá ao agente em certo campo, determinado pela história específica do campo no qual está imerso, no caso, o campo acadêmico, que permite tal ou tal pertinência de objetos e problemas teóricos, porém sempre, na medida em que, na atualidade desta imersão são pontos de conflito, de disputas entre os pesquisadores que participam deste campo num momento histórico específico. Esses pesquisadores, esses agentes, ocupam certa posição nesse campo – determinada por sua história singular e valorada pela espécie e pelo volume de capital que possuem – que discrimina uma série de práticas concebidas como mais ou menos aceitáveis no que se refere a sua posição. É assim que, no encontro entre o campo (com seu espaço de possíveis) e o *habitus* (com sua lógica de possíveis), é efetivo, nesta combinatória, um conjunto de problemas e temas mais ou menos homogêneos sob certa e determinada conjuntura histórico-social, entretanto, diferenciando-se *cum grano salis* pelas mãos singulares de cada indivíduo.

Segue-se que, contrariamente ao que leva a crer um construtivismo idealista, os agentes fazem os fatos científicos e até mesmo fazem, em parte, o campo científico, mas a partir de uma posição neste campo – posição esta que não fizeram – e que contribui para definir suas possibilidades e impossibilidades. (BOURDIEU, 2004 [1997]: 25)

É aqui que Bourdieu nos parece ressoar a tese materialista segundo a qual são as massas que fazem a história, todavia, não a fazem como querem, ou seja, não a fazem como a soma de vontades livres individuais, mas sim sobre determinações inscritas em sua própria conjuntura¹. Não nos parece acidental que em *Ce que parle veut dire: l'économie des échanges linguistiques* (1982), no

1 Referimo-nos ao primeiro capítulo de *18 de brumário de Luís Bonaparte* (1852), no qual Marx afirma que “Os homens fazem a sua própria história; contudo, não a fazem de livre e espontânea vontade, pois não são eles quem escolhem as circunstâncias sob as quais ela é feita, mas estas lhes foram transmitidas assim como se encontram. A tradição de todas as gerações passadas é como um pesadelo que comprime o cérebro dos vivos” (MARX, 2011: 25). Ainda no que se refere ao desenvolvimento histórico e a sua transformação, Marx, no prefácio da segunda edição do mesmo texto, em 1869, enfatiza o papel determinante das massas como agentes da produção da história: “em contrapartida, eu demonstro como a *luta de classes* na França criou circunstâncias e condições que permitiram a um personagem medíocre e grotesco desempenhar o papel do herói” (MARX, 2011: 18. *Grifo do autor*).

momento em que Bourdieu propõe-se a discutir a construção de uma ciência do discurso, ele elenque como predecessores seus Marx de *A Ideologia Alemã* (1845), Nietzsche de *O Anticristo* (1888) e Pascal de *As Provinciais* (1656-1657) – mas poderia muito bem ter incluído Spinoza, que no *Tractatus Theologico-Politicus* (1670) constrói uma refinada teoria da leitura ao se propor a analisar um dos principais livros da cultura ocidental, investigando as condições materiais e sociais de sua produção, apropriação e reprodução na política e na sociedade – pois eles, segundo Bourdieu, procuraram apreender “num único relance tanto as propriedades sociais do estilo como as propriedades sociais do autor” (BOURDIEU, 2008: 129). Nestas perspectivas teóricas são apreendidas, simultaneamente e relacionalmente, as determinações tanto concernentes ao espaço de produção quanto as designadas pelas disposições dos seus produtores sem que, entretanto, umas se sobreponham as outras como causa, mas procurando, pelos limites e possibilidades estabelecidos nesta relação, vislumbrar o estado atual das disputas de poder num espaço social específico.

Quando dizemos “estado atual”, ao mesmo tempo, dizemos movimento e, pois, mudança, uma vez que, como nos demonstra Bourdieu, existe uma historicidade específica tanto do campo de produção quanto dos seus produtores, de modo que o encontro constante entre ambos em sua multiplicidade, as tomadas de posição dos agentes e as mudanças estruturais no campo, os problemas e as disposições para percebê-los de uma ou de outra forma alteram-se temporalmente. Este princípio edificante da teoria bourdieusiana pode e deve, inclusive, ser aplicado ao próprio Bourdieu – esforço que é notório em *Esquisse pour une auto-analyse* (2004) – assim como também ao seu campo de produção – preocupação constante de Bourdieu que se desenvolve desde *Homo Academicus* (1984) seguindo por *Méditations pascaliennes* (1997) e que percorre praticamente todas as suas obras. As transformações na estrutura interna dos campos (no seu efeito de *illusio*) reorganizam o espaço de possíveis, as regras do jogo e, também, as posições ocupadas pelos autores e pelas teorias que nele se encontram em disputa.

É por isso que ler Bourdieu hoje não é jamais repeti-lo ou retornar ao mesmo. Lê-lo é uma prática socialmente determinada alinhada a conjuntura em que se lê, ou melhor, são sempre as lentes de um sujeito posicionado e datado que percorrem o texto perpassadas por diversas outras, desde aqueles que se dedicam e dedicaram à praxeologia até aqueles que compõe o campo das ciências humanas e da filosofia. A leitura, investigação e escrituração é, nesse sentido, sempre um *aggiornamento* diferenciando-se em sua repetição.

Problemática: a relação entre os campos

Em *Razões Práticas* Bourdieu afirma que o processo de diferenciação característico do desenvolvimento capitalista, faz com que o *espaço social* divida-se em campos relativamente

autônomos, portadores, por sua vez, de determinadas leis e regras próprias que especificam a disputa interna entre os agentes envolvidos num determinado campo em relação as disputas específicas travadas em outros campos. Assim, cada campo possui um determinado *nomos*, isto é, uma lógica interna singularizada nas práticas dos agentes. Observamos, que Bourdieu logra construir claramente, através de ferramentas conceituais eficazes, a lógica interna dos campos sociais por ele analisados, contudo, se nos é claro o funcionamento dos campos em si mesmos, o mesmo não pode ser dito a respeito da lógica que rege os campos entre eles, afinal, os campos sociais são definidos pelo autor como relativamente autônomos, de modo que salta aos olhos a pergunta: relativos a que?

Pierre Macherey em *Histoires de Dinosaurie* (1999) evidencia esse problema conceitual, questionando a teoria bourdieusiana a respeito da homologia estrutural entre os campos. Para tanto, Macherey salienta que a aversão ao economicismo que percorre a construção teórica de Bourdieu levou-o a eliminar a possibilidade de uma determinação em última instância que funcionaria, segundo o autor, como uma determinação imanente, ou seja, como uma ponte de comunicação entre os campos sociais, assegurando, por isso, a homologia estrutural. Na leitura de Macherey, a sociologia de Bourdieu ao eliminar a determinação imanente recai sobre um problema lógico, pois como a praxeologia pode garantir que os diferentes campos sociais – religioso, artístico, acadêmico, empresarial – articulem-se internamente de maneira análoga e homóloga sendo que cada um deles possui regras de jogo diferentes que acabam por privilegiar a posse de capitais distintos assegurando, assim, a posição de dominância segundo lógicas também distintas?

Aí é sem dúvida o ponto fraco da abordagem de P. Bourdieu que, mais fiel talvez sobre esse ponto que ele não acredita, ou não gostaria de fazer-se acreditar, à suas origens filosóficas, parece não ter renunciado à esperança de constituir sua sociologia num tipo de saber absoluto. Sobretudo, a dinâmica diferencial dos campos, se ela permite compreender como se distinguem posições no interior do campo onde elas se põe opondo-se, permanece cega ao problema da diferença entre campos que ela se contenta em justapor, sem poder fazê-los comunicar-se entre si. Qual lógica liga entre elas os diferentes campos sociais, uma vez eliminada a tese de uma relação de determinação em última instância, condenada porque parece dever privilegiar um entre eles subordinando-o univocamente à todos os outros? Como o campo filosófico, que define os limites no interior dos quais se desenvolve os trabalhos filosóficos, situa-se em relação aos outros estratos da atividade coletiva, campo político, campo estético, campo de produção de conhecimentos científicos ou tecnológicos, campo de crenças religiosas etc., a fim de manter-se na ordem do que Marx chamava de superestruturas. (MACHEREY, 1999: 302-303. Trad. minha).

Macherey é deveras sagaz ao fazer emergir o sintoma da praxeologia bourdieusiana. Porém,

ele não foi o único a perceber esta falta; Loïc Wacquant² (1992) e Terry Eagleton³ (1995) identificaram e dirigiram questões semelhante diretamente à Bourdieu, do qual tanto um quanto o outro obtiveram respostas oblíquas. No entanto, observamos que todas estas inquirições possuíam como lugar-comum a problematização da relação que Bourdieu estabelece entre o econômico e o simbólico tomando o econômico como a condição de possibilidade da homologia estrutural. Tal relação quando apreendida a partir de uma causalidade linear, na qual $A \rightarrow B$, obscurece e reduz a empresa bourdieusiana a uma perspectiva dicotômica da produção social, perspectiva esta que Bourdieu refuta na sua epistemologia, sendo tal refutação a base fundamental da produção do seu sistema teórico. Ainda que neste momento não tenhamos a oportunidade de retomarmos a demonstração *pari passu* da ruptura de Bourdieu com o subjetivismo e com o objetivismo que instaura a praxeologia como um processo de conhecimento, é preciso considerar que na teoria de Bourdieu a relação entre a economia econômica e a economia simbólica encontra-se imbrincada na prática dos agentes de modo complexo, sem que seja possível, portanto, a sobreposição de uma sobre a outra, sendo estas distintas apenas na ordem das razões. Mesmo que Bourdieu afirme o peso relativo do capital econômico e do campo econômico sobre os outros capitais e campos no modo de produção capitalista, estes só exercem sua força num contexto determinado de uma rede complexa de relações, isto é, mesmo os conceitos que identificaríamos a primeira vista como regidos apenas pela economia econômica, possuem, como condição de existência, a economia simbólica (jogos de interesses, violência simbólica, denegação, etc.)⁴.

2 No livro *Réponses* (1992) Wacquant questiona Bourdieu sobre como os diferentes campos articulam-se uns em relação aos outros, já que todos eles possuem características invariantes (regras do jogo, interesse, lutas simbólicas) e variantes (disputas específicas, capitais específicos com maior ou menor peso relativo). Bourdieu responde que apenas a análise empírica, em cada caso particular, em cada campo específico, possibilitaria a apreensão da relação que cada campo estabelece com outro; recusa, assim, uma lei trans-histórica das relações entre os campos. No entanto, em seguida, ele observa que “evidentemente, é difícil não admitir que, nas sociedades industriais, o campo econômico exerce efeitos especialmente potentes” (BOURDIEU, 1992: 85. Trad. minha). Em todo caso, a evidência da potência do campo econômico nas sociedades capitalistas não é suficiente, segundo Bourdieu, para afirmar a determinação universal da última instância pela economia, que é, para o autor, um ponto complicado, mas que ele não chega a refutar completamente. “Mas é preciso admitir, para tanto, o postulado da determinação (universal) “em última instância” pela economia?” (BOURDIEU, 1992: 85. Trad. minha).

3 Alguns anos mais tarde, numa entrevista concedida à Terry Eagleton, publicada em *Mapping Ideology* (1995), Bourdieu é questionado sobre sua enfática reação ao economicismo, deveras vigente na época de sua produção teórica. Em particular, Eagleton pergunta à Bourdieu se ele não concebera o econômico na esfera cultural, no lugar de “registrar o peso do material e do econômico na cultura” e Bourdieu assim responde: “Talvez você tenha razão. Tendo a forçar demais a mão, como dizia Mao Ze-dong, na tentativa de corrigir a tendência anterior. Nesse campo, a visão crítica dominante corre o risco de pender para o economicismo. Quanto a mim, tendo a insistir nos outros aspectos, mas talvez esteja errado. Mesmo que, em minha cabeça eu tenha um equilíbrio melhor, tendo a insistir, na exposição de minhas idéias, no aspecto menos provável e menos visível – de modo que talvez você tenha razão” (BOURDIEU; EAGLETON, 1996: 276-277).

4 “De fato, o mundo da ciência, como o mundo econômico, conhece relações de força, fenômenos de concentração de capital e do poder ou mesmo de monopólio, relações de dominação que implicam uma apropriação dos meios de produção e de reprodução, conhece também lutas que, em parte, têm por móvel o controle dos meios de produção e reprodução específicos, próprios do subuniverso considerado. Se é assim, entre outras razões, é porque a economia antieconômica – voltei a esse ponto – da ordem propriamente científica permanece enraizada na economia e porque mediante ela se tem acesso ao poder econômico (ou político) e às estratégias propriamente políticas que visam conquistá-lo ou conservá-lo”. (BOURDIEU, 2004 [1997]:34)

Tomando – mesmo que apressadamente – que toda produção social é sempre já o resultado de um complexo de relações que envolve tanto a dimensão simbólica quanto a econômica, nós deslocamos a questão colocada pelos autores anteriormente citados e passamos a nos preocupar não mais com qual das duas dimensões é a dominante, mas sim sobre como, sabendo que nenhum dos elementos conceituais da economia econômica pode fazer o papel de homologia estrutural, os campos sociais relacionam-se entre si e se modificam. A causalidade linear é substituída nesse sentido pela causalidade reflexiva, ou, como ficou conhecida nos anos sessenta, pela causalidade metonímica ou estrutural, na qual A (um agente, um campo, uma instituição, uma prática, etc.) sempre já imerso num campo de relações, causa B num outro complexo de relações. Pudemos, deste modo, dar consequências conceituais às análises teóricas e práticas de Bourdieu, identificando três modos de determinação constituintes da lógica diferencial dos campos, são eles: a causalidade transitiva, a causalidade imanente e as práticas de Estado.

A primeira determinação, denominada causalidade transitiva, implica que um campo, por exemplo, o campo artístico, sofre constantemente as influências de outros campos, como do campo acadêmico, econômico, político, etc., ou seja, os campos causam-se mutuamente e são, ao mesmo tempo, relativamente autônomos entre si. Este movimento transitivo pode ser observado de dois modos: como decorrente do trânsito entre *habitus* ou como consequência das transformações estruturais dos campos.

No primeiro caso, na denominada causalidade transitiva entre *habitus*, percebemos que os agentes sociais não vivenciam apenas um campo, mas, ao longo da sua trajetória social, percorrem e são tomados por diferentes campos, ou seja, por diversas relações de *illusio* que formam princípios cognitivos singulares. Deste modo, o *habitus* de cada agente é constituído por essa jornada individual que intersecciona, na mesma pessoa, maneiras diversas – acordadas com os campos diversos nos quais o agente teve contato – de ver perceber e estar no mundo. Essa apreensão da formação do indivíduo socializado, ou transindividualizado, encontra-se acordada com as bases epistemológicas da teoria bourdieusiana que, ao fundamentar a praxeologia, nos coloca uma difícil tarefa de “voltar as coisas como elas são” como diria Marx, isto é, à “atividade real” (SP, 86)⁵ da dinâmica social, de modo que possamos nos livrar da visão soberana da estrutura que tudo determina, percebendo a atividade humana como estruturante do mundo social, mas sem recair na compreensão de homem livre e consciente⁶. Para tanto existe uma diferença específica entre o *opus*

5 “Na “atividade real como tal”, ou seja na relação prática com o mundo, essa presença pré-ocupada e ativa no mundo pela qual o mundo impõe sua presença, com suas urgências, suas coisas por fazer e por dizer, suas coisas feitas para serem ditas que comandam os gestos e as palavras sem jamais se revelar como um espetáculo” (BOURDIEU, 2011 [1980]: 86).

6 A liberdade, como vimos no primeiro capítulo, está justamente em conhecer as determinações sociais que nos possibilitam tomar uma posição e não de outra em dada situação, por isso, conhecer a história (e a nossa própria história) é uma forma de conhecer a trama causal que estrutura as relações sociais atuais e vislumbrar possibilidades objetivas de tomar outra posição diante delas.

operantum, isto é, a estrutura dos campos e o *modus operandi*, ou seja, a maneira pela qual a estrutura é incorporada⁷ que depende, por sua vez, de diferentes fatores que incidem sobre uma mesma individualidade biológica ao longo de sua trajetória social, a saber (i) de como o agente entra em contato com esta estrutura, (ii) da posição relativa que ele ocupa no campo, (iii) da trajetória social que ele percorreu até então, isto é, de quais campos já o estruturaram e, também (iv) da sua origem social. Deste modo, as tomadas de posição são sempre correlativas a essa trajetória social fazendo com que as estruturas dos campos pelos quais o agente passou determinem, num complexo estruturado e singularizado no *habitus*, a visão de mundo do agente. Essa relação causal que leva em conta a estrutura organizada em sistema e a disposição marcada pela história de vida, faz com que os agentes mantenham sua singularidade (isto é, que um agente jamais seja igual ao outro), mas, ao mesmo tempo, que seja possível a homogeneização dos *habitus*⁸. Isso faz com que agentes de um mesmo grupo ou classe tenham práticas acordadas, homogeneizadas, mas também que esses agentes, dada a particularidade de sua trajetória, tenham tomadas de posições relativamente distintas que possam alterar – sempre de acordo com as condições objetivas das relações de poder e da posição que o agente ocupa nessas relações – a estrutura atual dos campos.

Observamos, assim, que os *habitus* dos agentes não podem ser correspondentes a apenas um campo, pois carregam consigo, nas disposições feitas corpo, a interiorização de regras de jogo alinhadas a cada campo no qual eles passaram e que fazem parte da sua *trajetória social*. As estruturas estruturantes dos campos que atuam (ou atuaram) em um agente são, portanto, sistematizadas e reordenadas em possibilidades práticas de ação. Deste modo, os campos, mesmo que mantendo sua autonomia relativa são sempre espaços de disputas sujeitos às determinações

7 No quarto capítulo de *Esboço de uma Teoria da Prática*, Bourdieu tratará do tema da incorporação das estruturas. A ação pedagógica responsável pela incorporação é decorrente de um trabalho contínuo e longo, na maior parte insensível, anônimo e difuso, que envolve todo o grupo e o ambiente simbólico estruturado. A matriz prática que o trabalho pedagógico inculca passa, muitas vezes longe do discurso e da consciência. Bourdieu dirá que os agentes não imitam modelos estruturados e enunciados, mas sim a prática dos outros. Deste modo, o aprendizado corporal vai de prática à prática, sem que com isso seja fruto de uma determinação mecânica. As aquisições dos *habitus* se dão por séries que contêm nelas toda uma estrutura sistematizada que é incorporada junto. Assim, a ação pedagógica não se faz de elemento por elemento, mas por conjuntos conectados, nos quais um elemento “puxa” o outro. Por isso, o agente é capaz de aprender e agir em novas situações sem saber (conscientemente) como ele aprendeu as disposições necessárias para tanto (BOURDIEU, 2000 [1972]: 285-287).

8 Produto da história, o *habitus* produz as práticas, individuais e coletivas, portanto, da história, conforme os esquemas engendrados pela história; ele garante a *presença ativa das experiências passadas* que, depositadas em cada organismo sob a forma de esquemas de percepção, de pensamento e de ação, tendem, de forma mais segura que todas as regras formais e que todas as normas explícitas, a garantir a conformidade das práticas e sua constância ao longo do tempo. Passado que sobrevive no atual e que tende a se perpetuar no porvir ao se atualizar nas práticas estruturadas de acordo com seus princípios. (...) Ao escapar à alternativa das forças inscritas no estado anterior do sistema, no exterior dos corpos, e das forças interiores motivações surgidas, no instante, da decisão livre, as disposições interiores, interiorização da exterioridade, permite que as forças exteriores sejam exercidas, mas segundo a *lógica específica dos organismos* nos quais estão incorporadas, ou seja, de maneira durável, sistemática e não mecânica. (BOURDIEU, 2011 [1980]: 90-91. *Grifo nosso*)

estruturais intervindas de outros campos, provenientes, por sua vez, de agentes que percorreram estes outros campos e que produzem práticas alinhadas às regras do jogo do campo no qual se encontram, mas também *sobredeterminadas* pelos diversos campos que estruturam sua visão de mundo.

O segundo modo pelo qual a causalidade transitiva se expressa é através do movimento dos campos. Os campos, dada sua autonomia relativa, possuem um limite estrutural que corresponde ao limite do seu campo de forças, ou seja, o limite no qual as regras e as disputas entorno das quais ele subsiste são aderidas e efetivadas, mais ainda, eficazes. Esse limite não é um círculo bem riscado no espaço geográfico que coloca uns fora e outros dentro, mas um espaço simbólico no qual o efeito de *illusio* que o campo põe e impõe se realiza nas práticas dos agentes⁹. O alcance do efeito de *illusio* refere-se a determinado grau de autonomia do campo que corresponde ao poder de refração do campo, ou seja, ao poder de impedir ou transformar as intervenções de outros campos e instituições fazendo valer as suas próprias leis. Quanto menos autônomo é um campo, mais a concorrência é imperfeita, fazendo com que seja lícito que agentes e instituições ou mesmo que as transformações em outros campos intervenham na disputa e nas regras desse campo. Ao mesmo tempo em que Bourdieu crítica a intervenção das determinações externas aos campos como sendo prejudiciais à autonomia do campo ele também assinala que essa fronteira porosa que a autonomia relativa estabelece é responsável, em grande parte, pelas transformações fundamentais nos campos, como, por exemplo, as grandes revoluções científicas e as transformações na linguagem pictórica. Deste modo, os campos em geral, dada a sua relativa autonomia e considerando seu grau de refração, também causam-se mutuamente. De acordo com Bourdieu, uma das maneiras mais evidentes da causalidade entre campos refere-se às transformações no campo escolar e a como tais transformações afetam os outros campos. Ele procura mostrar em diversas obras dedicadas à análise do sistema de ensino, das quais a mais conhecida é sem dúvida *La Reproduction* (1970) escrita em conjunto com Jean-Claude Passeron, como “(...) a lógica do modo de reprodução na sua feição escolar (...), podem estar, ao mesmo tempo, e sem contradição, na base da reprodução das estruturas das sociedades avançadas e de uma série de mudanças que as afetam” (BOURDIEU, 1996 [1994]: 45). Podemos notar que o peso das transformações e das crises no campo escolar afetam tanto o campo político quanto o campo econômico e cultural. Em *Homo Academicus* (1984) Bourdieu mostra que o acontecimento de maio de 68 que mobilizou toda a França fora uma expressão visível da contradição entre a superprodução de diplomas e a desvalorização desses diplomas. Essas transformações são, evidentemente, provenientes do campo escolar e universitário, mas que

9 Uma das grandes questões que surgirão a propósito dos campos (ou dos subcampos) científicos será precisamente a cerca do grau de autonomia que eles usufruem. Uma das diferenças relativamente simples, mas nem sempre fácil de medir, de quantificar, entre os diferentes campos científicos, isso que se chamam as disciplinas, estará, de fato, em seu grau de autonomia. A mesma coisa entre as instituições. (BOURDIEU, 2004 [1997]: 21)

interferem no campo político não diretamente, mas estruturalmente. Ademais, essa mesma relação (de superprodução/desvalorização de diplomas) influencia o campo econômico na oferta e remuneração de empregos, da mesma maneira que as inovações no campo do conhecimento científico determinam a criação de novas áreas de trabalho e novos setores de produção. Por fim, podemos citar como as mudanças estruturais no campo escolar influenciam as transformações no campo artístico, sendo inclusive uma das determinantes para o surgimento de novas escolas artísticas¹⁰.

Observamos assim que os campos encontram-se no espaço social relacionados e posicionados uns em relação aos outros. Entretanto, a lógica desta relação não obedece a uma determinação direta e linear, pois as estruturas dos campos e suas regras e lutas internas não são redutíveis entre si. Através do conceito autonomia relativa podemos aferir que os campos estabelecem entre eles relações estruturais, mostrando que a determinação de um campo noutro campo dependerá sempre do grau de autonomia referente ao campo e também ao estado atual das disputas internas.

A segunda determinação que atua na lógica externa dos campos, a causalidade imanente, é o elemento estruturante da teoria bourdieusiana, contudo seu efeito apenas pode ser observado mediante o grau de refração imposto pelo limite estrutural dos campos. Em *Os usos sociais da ciência* Bourdieu demonstra que o campo científico além de sofrer as influências de outros campos encontra-se enraizado na distribuição desigual de poder político e institucional que controla os meios de produção e de reprodução do mundo social, de modo que as determinações externas que afetam o campo são também apreendidas na praxeologia como externas aos próprios campos, inerentes, portanto, a distribuição desigual das posições sociais e aos recursos que essa distribuição desigual fornece aos agentes sociais nas suas lutas históricas. Porém, o efeito que a causalidade imanente exerce sobre os agentes é transformado pelo efeito de *illusio* dos campos sociais particulares, por isso o efeito de dominação (econômico e simbólico), como diz Bourdieu em *Razões Práticas*, não é direto ou exercido por um conjunto de agentes (conscientes) que chamaríamos de “classe dominante”, “mas o efeito indireto de um conjunto complexo de ações que se engendram na rede cruzada de limitações que cada um dos dominantes, dominado assim pela estrutura do campo através da qual se exerce a dominação, sofre de parte de todos os outros” (BOURDIEU, 1994: 52). Nesse sentido, a luta de classes aparece nos campos sociais na forma eufemizada de luta específica, isto é, *denegada* enquanto tal.

As determinações externas, invocadas pelos marxistas – por exemplo, o efeito das crises

10 Assim, por exemplo, o sucesso da revolução impressionista não teria sido possível, sem dúvida, se não fosse o surgimento de um público de jovens artistas (os aprendizes) e de jovens escritores, determinado por uma “sobreproução” de diplomas, resultante de transformações concomitantes do sistema escolar. (BOURDIEU, 1996 [1994]: 65)

econômicas, das transformações técnicas ou das revoluções políticas - só podem exercer-se pela intermediação das transformações da estrutura do campo resultante delas. O campo exerce um *efeito de refração (como um prisma)*: portanto apenas conhecendo as leis específicas de seu funcionamento (seu “coeficiente de refração”, isto é, seu *grau de autonomia*) é que se pode compreender as mudanças nas relações entre escritores, entre defensores dos diferentes gêneros (...) ou entre diferentes concepções artísticas (...) que aparecem, por exemplo, por ocasião de uma mudança de regime político ou de uma crise econômica. (BOURDIEU, 1992, p. 61)

É notório, que nenhum destes efeitos encontram-se, evidentemente, num campo em particular, pois são, como coloca Bourdieu externos a eles. Contudo, longe de negá-los, Bourdieu os submete a um prospecto mais amplo, mostrando que as determinações externas aos campos só encontram condição de realização mediante o efeito de *refração* exercido pela mediação da autonomia relativa dos campos. A metáfora do prisma é valiosa para que possamos compreender como se dá a relação de causalidade imanente: tudo se passa como se a luta de classes em geral quando posta tal como um raio de luz sob um prisma, apresentasse diferentes cores, i.e., campos nos quais as relações de dominação se diferenciam em lutas internas regidas sob certas *regras de jogo*. Segundo Bourdieu, “os sistemas de classificação internos reproduzem de forma irreconhecível as taxionomias diretamente políticas e que a axiomática específica de cada campo especializado é a forma transformada (em conformidade com as leis específicas do campo) dos princípios fundamentais da divisão do trabalho” (BOURDIEU, 1989: 14).

A terceira determinação que podemos aferir na teoria de Bourdieu, compreendida como práticas de Estado, não se constitui como uma causalidade, pois não é condição de produção dos campos, entretanto afeta estruturalmente a lógica interna deles e desempenha um papel determinante na reprodução da ordem social e na integração das estruturas mentais. Para Bourdieu o Estado apresenta-se como um poder sobre poderes, como uma meta-campo, pois caracteriza-se como uma instituição que possui a particularidade de acumular diferentes espécies de capital em grande volume que não são jamais acumulados nem por uma pessoa, nem por um único campo. O Estado passa a ser deste modo detentor de um capital propriamente estatal, de um meta-capital, o que lhe proporciona a capacidade de interferir nos diversos campos e definir o valor de câmbio entre os capitais que se encontram em disputa nos campos particulares. Assim existe uma concorrência desigual entre agentes de todos os campos que “querem agir sobre este ‘meta-campo’ a fim de triunfar sobre os outros campos e também no interior do seu campo” (BOURDIEU, 2012: 489. Trad. Nossa)¹¹. Sendo assim o Estado cumpre um papel fundamental de manutenção da ordem

11 Esta distinção entre a posse de capital e a posse de um capital que dá poder sobre este capital funciona em todos os domínios. O Estado, na medida em que acumula em grande quantidade diferentes espécies de capital, se encontra dotado de um meta-capital que lhe permite exercer um poder sobre todo capital. Esta noção que pode parecer abstrata se torna deveras concreta se nos a relacionarmos

social e, para tanto, é preciso que a ele seja assegurada a capacidade de interferir diretamente nas diversas instâncias e campos sociais, contrariando, inclusive, suas dinâmicas e leis próprias. Alguns exemplos são citados por Bourdieu ao longo de suas análises sobre o Estado como, por exemplo, a luta pela revalorização dos diplomas na França, o estabelecimento da idade de aposentadoria, a emissão de moedas, os incentivos fiscais, a produção de currículos escolares, etc. Por isso, Bourdieu chega a afirmar as intervenções do Estado são, no sentido da teoria pascaliana, golpes de tirania, já que elas têm a propriedade de ignorar e/ou sobrepor as normas e leis específicas de cada campo, fazendo valer suas tomadas de posição independente da autonomia interna dos campos (BOURDIEU, 2012: 349-350).

Compreendemos, portanto, que o Estado, mesmo que não possa ser definido como uma relação de causalidade assume uma posição de destaque na lógica de funcionamento dos campos sociais, de modo que suas práticas constituem-se como uma determinação externa aos campos que agem e coagem a autonomia relativa destes campos, interferindo no poder de decisão dos agentes pertencentes a cada um dos campos e, conseqüentemente, na dinâmica de funcionamento interna destes campos.

Assim, como resultado da pesquisa de mestrado que procuramos apresentar aqui, podemos concluir que são três as determinações externas aos campos sociais que estabelecem uma ponte de comunicação e de ordenação entre eles. A definição e a compreensão das determinações externas aos campos é fundamental para assegurar a homologia estrutural entre os campos, além de contribuir para clarificar as bases epistemológicas da teoria de Bourdieu. Ademais este trabalho tem sua principal relevância para os estudos de caso singulares que se defrontam com objetos cujas diretrizes de produção não são dadas por apenas um campo, mas pela concorrência de diversos campos. Por fim resta salientar que o que denominamos dinâmica diferencial dos campos, nunca foi conceitualizado diretamente pelo autor, de modo que aplicamos à sua teoria o que ele denomina “princípio de justiça”, que consiste, em contrapartida ao princípio de caridade, em fornecer ao autor argumentos que ele não desenvolveu em suas obras, mas que encontram-se acordadas com os princípios epistemológicos e teóricos de sua produção intelectual de modo a fazer avançar a teoria no lugar de refutá-la de imediato.

Bibliografia

ALEXANDER, Jeffrey C. *La reduction: Critique de Bourdieu*. Paris: Editions du Cerf, 2000.

ARON, Raymond. *La tragédie algérienne*. Paris: Plon, 1957.

com a noção de campo do poder, lugar onde se enfrentam os detentores de capital, entre outras coisas para definir a taxa de câmbio entre as diferentes espécies de capital (BOURDIEU, 2012: 312. Trad. nossa).

- _____. *L'Algérie et la République*. Paris: Plon, 1958.
- _____. *Memoires*. Paris: Julliard, c1983
- BOURDIEU, Pierre. DARBEL, Alain. RIVET, Jean-Paul. SEIBEL, Claude. *Travail et travailleurs en Algérie*. Paris: La Haye, Mouton, 1963.
- BOURDIEU, Pierre; NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afranio M. (org.). *Escritos de educação*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. SAYAD, Abdelmalek *Le déracinement : la crise de l'agriculture traditionnelle en Algérie*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1964.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *Les héritiers: les étudiants et la culture*. Paris: Les Éditions de de Minuit, 1964.
- _____. *La reproduction: éléments pour une théorie du système d'enseignement*. Paris: Ed. de Minuit, 1970.
- Pierre Bourdieu; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. *Le métier de sociologue: Préalables épistémologiques*. Paris: Mouton, 1973.
- BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loïc J. D. *Réponses: pour une anthropologie réflexive*. Paris: Seuil, 1992.
- BOURDIEU, Pierre. *Sociologie de l'Algérie*. Paris: Presses Universitaires de France, 1958.
- _____. "Les relations entre les sexes dans la société paysanne" in: *Les Temps Modernes*, 1962.
- _____. *Le déracinement: la crise de l'agriculture traditionnelle en Algérie*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1964.
- _____. *Esquisse d'une théorie de la pratique: précédé de trois études d'ethnologie kabyle*. Genève: Droz, 1972.
- _____. *A economia das trocas simbólicas*. Trad. Sergio Miceli. São Paulo, SP: Perspectiva, 1974.
- _____. *La Distinction: critique sociale du jugement*. Paris: Editions de Minuit, 1979.
- _____. *Questions de sociologie*. Paris: Minuit, 1980.
- _____. *Le sens pratique*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1980.
- _____. *Ce que parler veut dire: l'économie des échanges linguistiques*. Paris: Fayard, 1982.
- _____. *Homo academicus*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1984.
- _____. *L'ontologie politique de Martin Heidegger*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1988.
- _____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, 1989.
- _____. *La domination masculine*. In: *Actes de la recherche en sciences sociales*, 1990, num. 84, pp. 2-31.
- _____. *Les règles de l'art: genèse et structure du champ littéraire*. Paris: Seuil, 1992.
- _____. *Raisons pratiques: sur la théorie de l'action*. Paris: Seuil, 1994.

- _____. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Trad. Mariza Corrêa. Campinas: Papyrus, 1996.
- _____. *Meditations pascaliennes*. Paris: Seuil, 1997.
- _____. *Le champ économique*. In: Actes de la recherche en sciences sociales, 1997, num. 119. PP 48-66.
- _____. *Esquisse d'une théorie de la pratique: précédé de trois études d'ethnologie kabyle*. Seuil, 2000.
- _____. *O campo econômico: a dimensão simbólica da dominação*. Campinas, SP: Papyrus, 2000.
- _____. *Les structures sociales de l'économie*. Paris: Seuil, 2000.
- _____. *Science de la science et réflexivité: cours du Collège de France, 2000-2001*. Paris: Raisons d'agir, 2001.
- _____. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo, SP: Editora da UNESP, 2004.
- _____. *A Distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo, SP; Porto Alegre, RS: EDUSP: Zouk, 2006.
- _____. *A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo, SP: EDUSP, 1998.
- _____. *O Senso Prático*. Trad. Maria Ferreira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- _____. *Bourdieu, savant & politique*. Marseille: Agone, 2003.
- DELEUZE, Gilles. *Spinoza et le problème de l'expression*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1968.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix (Coaut. de). *Capitalisme et schizophrénie*. Paris: Les Éditions de Minuit, c1972.
- DELSAUT, Yvette. « Entrevista de Pierre Bourdieu com Yvette Delsaut: Sobre o espírito da pesquisa ». In: *Tempo Social*, v. 17, n. 1. Trad. Paulo Neves. 2005, pp: 175-2010.
- DURKHEIM, Émile et MAUSS, Marcel. “De quelques formes de classification - Contribution à l'étude des représentations collectives”. In: *Année sociologique*, VI, (1901-1902). Les Presses universitaires de France. pp. 1 à 72.
- DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1996.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990-1993.
- FAYE, Jean-Pierre. *Introduction aux langages totalitaires: théorie et transformations du récit*. Paris: Hermann, 2003.
- _____. *Le piège. La philosophie heideggerienne et le nazisme*, Paris, Balland, 1994.
- FLAUBERT, Gustave. *A educação sentimental*. São Paulo: W. M. Jackson, 1947.
- FOUCAULT, Michel. *Histoire de la folie à l'âge classique*. Paris: Gallimard, 1972.
- GADAMER, Hans-Georg. *Hermenêutica em retrospectiva*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

- HUME, David. *Ensaaios morais, políticos e literários*. Rio de Janeiro, RJ: Topbooks, 2004.
- LEFORT, Claude. *Le travail de l'oeuvre: Machiavel*. Paris: Gallimard, c1972.
- LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm. *Animadversiones in partem generalem Principiorum Cartesianorum*. Paris: Vrin, 1982.
- KANTOROWICZ, Ernst Hartwig. *Os dois corpos do rei: um estudo sobre teologia política medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- MACHEREY, Pierre. *Histoires de dinosaure: faire de la philosophie 1965-1997*. Paris: Presses universitaires de France, 1999.
- _____. “A partir de Bourdieu: penser la pratique”, In: *La Pensée*, n°330, avril-juin 2002, p. 137-145.
- MAQUIAVEL, Nicolau. *O príncipe*. São Paulo: Hedra, 2011.
- MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo, SP: Boitempo Editorial, 2004.
- _____. *A ideologia alemã: crítica da novíssima filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas, 1845-1846*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- _____. *O 18 brumário de Luís Bonaparte*. São Paulo, SP: Boitempo, 2011.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich (Coaut. de). *Obras escogidas: en dos tomos*. Moscou: Ediciones en Lenguas Extranjeras, 1951.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *O anticristo: maldição ao cristianismo; ditirambos de Dionísio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Les structures elementaires de la parente*. Paris: Presses Universitaires de France, 1949.
- _____. *Anthropologie structurale*. Paris: Plon, 1958.
- ORTIZ, Renato. *Ciências sociais e trabalho intelectual*. São Paulo: Olho d'Água, 2002.
- _____. *A Sociologia de Pierre Bourdieu*. Coautoria de Renato Ortiz. São Paulo: Olho d'Água, 2003.
- PASCAL, Blaise. *Lettres écrites a un provincial*. Paris: Garnier, [18-?].
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica a afirmação do óbvio*. Campinas, SP: UNICAMP, 1988.
- ROBBINS, Derek. *Bourdieu and culture*. London: Sage, 2000.
- SPINOZA, Benedictus de. *Tratado teológico-político*. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2008.
- TRAWNY, Peter. *Heidegger et l'antisémitisme : sur les “Cahiers noirs”*. Paris: Seuil, 2014.
- WACQUANT, Loïc. “Seguindo Pierre Bourdieu no campo” In: *Revista de Sociologia Política* Jun 2006, n°.26, p.13-29.

_____. “De l’ideologie à la violence symbolique: culture, classe et conscience chez Marx et Bourdieu”, In: *Actuel Marx*. n°20, 1996, pp. 65-82.

_____. *O mistério do ministério: Pierre Bourdieu e a politica democrática*. Rio de Janeiro: Revan, 2005.

WEBER, Max. *Parlamento e governo na Alemanha reordenada: critica politica da burocracia e da natureza dos partidos*. Petrópolis: Vozes, 1993.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações filosóficas*. São Paulo: Abril, 1979.

ZIZEK, Slavoj (Coaut. de). *Mapping ideology*. London: Verso, 1995.

_____. *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.